

## MEMÓRIA E ESPAÇO NA GÊNESE DE GOIÂNIA

Leonardo Guimarães  
Universidade Federal de Goiás  
leonardodimtryg@gmail.com

### RESUMO

Sob a perspectiva da formação urbana no início da nova capital goiana, a abordagem do presente trabalho visa compreender como o espaço e a memória se relacionavam nas percepções dos pioneiros, durante as primeiras décadas da cidade. No contexto brasileiro de criação de novos núcleos urbanos, cujos traçados planejados e geométricos eram envoltos numa simbologia de modernidade e avanço, percebe-se Goiânia como um exemplo do paradoxo presente nestes momentos de gênese: se, por um lado, uma nova ocupação provoca a impressão de espaço ahistórico (conforme descrito por Lévi-Strauss ao visitar a cidade), observa-se como contraponto o espaço urbano na condição de materialização dinâmica das conexões sociais dos indivíduos que ali permeiam; desta maneira, torna-se compreensível que a paisagem é fruto do homem, assim como o homem também é fruto de sua paisagem, visto a forma que o espaço interfere nas impressões humanas, desde sua localização no mundo quanto associações emocionais e organização das atividades. Dentre todas as condicionantes, na ótica dos momentos iniciais de conformação urbana goianiense, questiona-se assim como seus elementos físicos (naturais e construídos) se conectavam à memória. Em suma: como o território em consolidação da nova capital influenciou na formação da memória coletiva daqueles que se relacionavam com o espaço? Para subsidiar a análise, o trabalho compõe-se a partir da utilização de elementos capazes de evidenciar representações da cidade, relacionando assim fotografias que retratavam a época do recorte temporal (como forma de consolidar o aspecto visual, importante suporte na abordagem do espaço) e depoimentos de antigos moradores (extraídos de fontes escritas que documentaram as impressões desses pioneiros), sobrepondo-as entre si.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da cidade. Memória. Espaço urbano. Representações. Goiânia.

## MEMORY AND SPACE IN GENESIS OF GOIANIA

### ABSTRACT

*The exposition in this study intends to understand, from the perspective of urban formation of the new capital of Goiás, how the memory and space influenced the pioneers perceptions about the city throughout the first decades of its inception. Inserted in brazilian context, where new urban areas were planned and created from geometric designs surrounded by symbols of modernity and progress, Goiania is a clear example of a common paradox in genesis of these cities: if the newly-created town might be associate to a non-historical place (as described by Lévi-Strauss after visiting Goiania in 1937), on the other hand, the urban space is also able to become visible the dynamic of social connections of its inhabitants; thus, the environment reflects the men as well as the men reflect the space that surrounds them, since it might guide some human impressions, such as spatial location, emotional associations and the way of organize activities. Considering this context, from the viewpoint of initial condition of urban development in Goiania, there is therefore a central question about how the natural and built elements in the city space might connect to the memory. Summing up: how the urban territory of the new capital influenced the collective memory formation of those individuals that were related to that space? For the purpose of provide conditions to analysis, the work is composed by sources that offer representation aspects of the city, such as photographs that reflect the studied period (as an important tool to evidence visual references in the spatial approach) and testimonials of former inhabitants (obtained from written sources that documented the pioneers impressions), relating and overlapping these informations.*

**KEY-WORDS:** History of the city. Memory. Urban space. Representations. Goiania.

## INTRODUÇÃO

Em contraponto às cidades que crescem de modo “orgânico” e gradual (LYNCH, 1999), historicamente o homem repetidas vezes buscou alcançar o modelo de cidade ideal, desenvolvendo planos e núcleos idealizados para atender os mais variados fins, tais como de cunho espiritual, colonizador, protecionista, sanitarista, entre outros. Contudo, sobretudo no contexto de expansão da sociedade industrial, o pensamento relativo ao planejamento espacial passa a incorporar aspectos de crítica e reflexão, no que viria a desencadear o advento da ciência da *urbe* (CHOAY, 2010).

Neste cenário moderno, dividindo-se entre modelos culturalistas e progressistas, diversas formas de organização espacial materializaram as discussões recorrentes. Se, por um lado, estas teorias eram aplicadas em intervenções de núcleos consolidados, por outro se observava a concepção de aglomerados urbanos *ex nihilo* (do nada), como *cidades novas*.

Para definir o termo *cidades novas*, Trevisan (2009) classifica-as como conformações que partem dos seguintes atributos: desejo (vontade de agentes, públicos ou não, para concretizar ações específicas), necessidade (atendimento de uma ou mais funções), lugar (escolha prévia de sítio), profissional (existência de agente na elaboração física), projeto urbanístico e tempo (construção significativa numa parcela temporal, envolvendo um momento de fundação razoavelmente preciso).

Estes aspectos foram potencializados pela forte ligação ao conceito da *cidade-capital*, onde o centro do poder se estabelecia como um monumento simbólico, superior às outras pela perfeição de seu plano (LAUGIER, 1979 apud MANSO, 2001).

Na perspectiva brasileira, consonante às teorias globais, verifica-se um momento de ruptura evidenciado pelas formações citadinas: opondo-se aos aglomerados urbanos vernáculos herdados da colonização portuguesa (de caminhos tortuosos que buscavam se adaptar ao relevo do sítio), núcleos geométricos planejados são concebidos como capitais imersas na simbologia da modernidade. Ainda no século XIX, temos como exemplo as cidades de Teresina, Aracaju e, já no Brasil República, a cidade de Belo Horizonte; este processo de mudanças prosseguiu no século seguinte, tendo Goiânia como a primeira nova capital brasileira planejada do século XX.

Goiânia, como objeto de estudo deste trabalho e imersa no contexto das cidades novas, expõe uma antinomia presente nestes processos específicos de gênese urbana: se, por um lado, a nova ocupação pressupõe uma impressão de ambiente ahistórico, por outro observa-se a cidade como arte temporal que transparece uma visão de mundo dos seus agentes criadores, tanto urbanistas quanto os moradores, visto que as relações sociais são intrínsecas à *urbe*, alterando sua forma.

Neste diálogo bilateral entre o ser humano e o ambiente que lhe cerca, através de uma interferência mútua, identifica-se como objetivo da abordagem a compreensão do modo que a ocupação físico-territorial da nova capital goiana contribuiu na formação de memória daqueles que habitavam ou transitavam pelo meio.

## O CONTEXTO GOIANO

Ainda que concretizada no século XX, os debates relativos à mudança da capital goiana já se registravam pelo menos desde o século XVIII; diversos governantes de Goiás no cenário do Brasil Império pediram intervenção junto aos soberanos portugueses, alegando condições ruins de salubridade e acesso à Vila Boa, até então detentora do título de centro administrativo do estado.

Em 1930, com a ascensão de Pedro Ludovico Teixeira como líder político em Goiás, inserido ainda no contexto revoluções políticas no âmbito nacional, a ideia passa a ganhar força. Se Ludovico sabia que enfrentaria resistência, sobretudo das oligarquias dominantes, por outro lado cada vez mais conseguia apoio e levantava argumentos para efetivar a mudança da capital. Em 1932, o Interventor chegou a receber uma carta do prefeito de Bonfim, Mário da Costa Ferreira, onde este reforçava as desvantagens encontradas na antiga Vila Boa e apontava as características físicas e ambientais que os núcleos urbanos modernos deveriam ter, ao sugerir a cidade que geria como nova capital do estado.

Desta forma, amparado nas ideias progressistas, tendo como pano de fundo aspectos políticos, econômicos e sociais, Ludovico oficializa as referidas discussões no final de 1932, ao compor uma comissão para estudo do local que viria abrigar a nova capital do estado. Após as devidas análises, em 1933 escolheu-se e escriturou-se terrenos na região do “Bota-fogo” e do “Capim Puba”, próximos à cidade de Campinas (CHAUL, 1988).

## GOIÂNIA: DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO URBANO

Desde a localização da área que abrigaria a nova capital de Goiás, já se observava um contraponto em relação à Vila Boa: ao contrário do terreno baixo, de relevo irregular e distante dos principais eixos de circulação presentes na região, Goiânia foi concebida para ocupar uma área plana, próxima a linhas viárias e reservas hídricas.

Em 1933, Ludovico delega através do Decreto nº 3.547 o projeto do novo núcleo urbano ao arquiteto, urbanista e paisagista ítalo-brasileiro Atílio Corrêa Lima. Como escopo, estipulou-se a elaboração do plano urbanístico para uma cidade de 50 mil habitantes (com todos os documentos pertinentes, desde estudo preliminares a propostas detalhadas, como esquema das redes de infraestrutura e legislação relativa ao plano diretor), bem como o projeto dos principais

edifícios (de cunho cívico, casas para funcionários, hotel etc.). Ainda no mesmo ano, é lançada de maneira simbólica a pedra fundamental de Goiânia, no dia 24 de Outubro.

Fortemente influenciado pelas escolas urbanistas norte-americanas e europeias (em especial a francesa), o traçado desenvolvido pelo autor “obedeceu à configuração do terreno, à necessidade de tráfego, ao zoneamento e ao loteamento” (MANSO, 2001. p. 97).

A estrutura urbana em geral é definida pelas grandes perspectivas, evidenciadas por largos eixos que convergem ao centro cívico, estrategicamente situado no ponto mais alto da área destinada à proposta original. Nesta composição radial, a Avenida Goiás se destaca não só pelo caráter monumental - através da combinação de generosas dimensões de vias e canteiros, com vegetação que reforçava o efeito de linearidade - mas também pela ligação entre os extremos da cidade no sentido norte-sul, do Palácio das Esmeraldas até a futura Estação Ferroviária. Destaca-se também a Avenida Anhangüera, que incorporou a estrada que ligava Leopoldo de Bulhões até ao antigo núcleo de Campinas (MANSO, 2001), tanto por ser a principal via de ligação à cidade vizinha, no sentido leste-oeste, quanto pela maior concentração comercial (Atílio já vislumbrava uma região com construções mais densas).

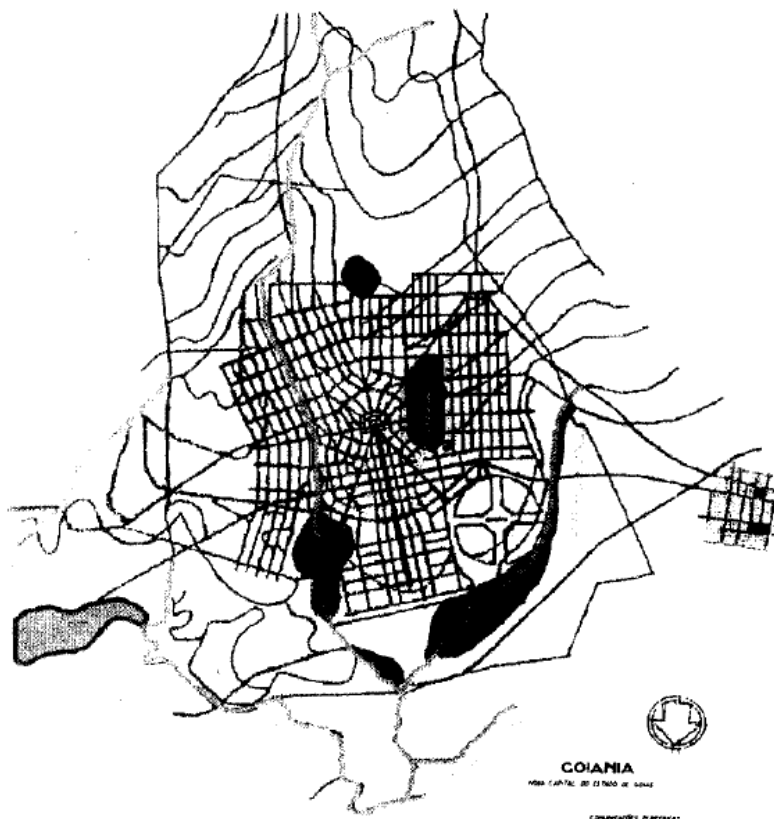


Figura 1 - Esboço do projeto de Goiânia elaborado por Atílio Corrêa Lima, em 1933. Fonte: MANSO, 2001.

Quanto ao zoneamento, o urbanista idealizou a cidade a partir de cinco setores: o Setor Central abrigaria principalmente as funções administrativas e comerciais; o Setor Norte, abaixo da Paranaíba, de traçado regular e grandes quadras, abrigaria as indústrias; o Setor Sul seria destinado ao uso residencial, enquanto os setores Leste e Oeste não foram detalhados.

Em 1935, ainda antes de Goiânia se tornar oficialmente capital do estado (o que só viria acontecer dois anos depois), a companhia Coimbra Bueno foi contratada para assumir a direção geral das obras da cidade. Por sua vez, os engenheiros Coimbra Bueno contrataram o urbanista Armando Augusto de Godoy como consultor técnico, para análise e revisão do projeto inicial. Assim, com a inserção de um novo urbanista na implantação do plano urbanístico de Goiânia, o plano original de Atílio passou por alterações, ainda que suas ideias tenham sido parcialmente seguidas especialmente no Setor Central e Setor Norte.

Dentre as ações propostas sob a coordenação técnica de Godoy, exemplificam-se novas propostas para ocupação das praças - que, segundo Manso (2001), deixavam de ser vazios urbanos para concentrar os principais edifícios e monumentos - mudanças no zoneamento comercial, criação da zona universitária (ainda que realocada, em relação à ideia inicial de Godoy), além novas soluções voltadas para o uso residencial no Setor Oeste e Setor Sul (CORDEIRO, 1989).

O Setor Sul, em especial, é a principal referência morfológicamente contrastante em relação ao plano de Atílio; apesar de assumir posturas radiais como no Setor Central (na verdade, uma solução difundida em toda a malha urbana no decorrer da expansão da cidade), o seu traçado orgânico composto por *cul-de-sacs* e novas propostas para ocupações edilícias mudaram de forma marcante o tecido urbano da cidade.

Segundo Ribeiro (2004), dentre os quatro planos diretores que coordenaram o crescimento da capital goiana, este primeiro é oficialmente fruto da junção das propostas de Corrêa Lima e Godoy (documentado como trabalho de dupla autoria, segundo o Decreto-lei 90-A de 1938). Até a década de 1950, em linhas gerais, a cidade não se desfigurou do plano proposto, com exceção de ocupações no leste da cidade, destinada à moradia provisória de operários, mas que posteriormente foram regularizadas.

Contudo, apesar de Ludovico já perceber pelas projeções de crescimento demográfico que dificilmente a capital goiana conseguiria se limitar ao contorno proposto inicialmente - onde a cidade delimitava-se por um cinturão verde em que, qualquer acréscimo, se estabeleceria na forma de cidades-satélites -, o que se observou na sequência foi um processo de boom populacional exponencial que fugia às expectativas, impulsionado principalmente pela fundação de Brasília, a partir de 1960. Assim, o crescimento que aconteceria a partir daquele momento descaracterizaria o plano inicial (RIBEIRO, 2004).

Desta maneira, ao analisar a historiografia relativa ao objeto de estudo, contextualizando os fatos e intenções de modo cronológico, percebemos como os mesmos nos fornecem subsídios para o entendimento dos marcos temporais. Em suma, é possível compreender assim o que se define como momento urbano pioneiro, integrante da memória coletiva dos primeiros habitantes da capital.

## RELAÇÃO MEMÓRIA X ESPAÇO

*É evidente que, se nove décimos da nossa existência transcorre na cidade, a cidade é fonte de nove décimos das imagens sedimentadas em diversos níveis da nossa memória. (Argan, 2005: p. 232)*

A condição de cidade *ex nihilo* cria um paradoxo: o antropólogo Lévi-Strauss (2000), ao visitar Goiânia em 1937, teve a sensação de um território sem história e sem duração, marcado por fixas de agrimensura e terrenos baldios numa grande planície, semelhante a um campo de batalha. Não obstante, entende-se que além da cidade como arte temporal - e, logo, histórica - por seu próprio *design* (LYNCH, 1999), o espaço na sua forma social implica cidadãos tecendo numerosas relações com diversas partes da cidade, com sua imagem carregada de memórias e significações, exemplificadas através da história cotidiana dos pioneiros de Goiânia e suas referências visuais (os prédios icônicos, a estrada que ligava o núcleo novo à “Campininha”, os espaços de encontro etc.).

Neste contraponto, identifica-se a formação do espaço numa perspectiva cronológica, baseada na intrínseca relação bilateral entre o homem e o ambiente que o cerca. O entorno material, afirma Halbwachs (1990), leva ao mesmo tempo a nossa marca e a marca dos outros, tornando as ações do grupo traduzíveis em termos espaciais. Sendo assim, a materialização do espaço construído remete às práticas dos grupos sociais que a conformam (PANERAI, 2006).

A influência da paisagem no homem (e vice-versa) é clara desde os primórdios, onde o ser nomeia e distingue os espaços, hierarquizando-o. Segundo Lynch (1999), o espaço físico interfere na percepção humana desde sua localização no mundo (permitindo sua mobilidade intencional) as suas associações emocionais e organização das atividades, contribuindo socialmente ainda como elemento para lembranças e símbolos comuns.

Ora, se não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial (HALBWACHS, 1990), onde os grupos evocam suas lembranças coletivas dentro das bordas do espaço assim definido, reforça-se o aspecto perceptivo do espaço.

*Esta imagem é produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está habituada a interpretar informações e comandar ações. A necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio é tão importante e tão enraizada no passado que esta imagem tem uma grande relevância prática e emocional ao indivíduo. (Lynch, 1999: p. 11)*

Logo, entender as formas da cidade como instrumentos de referência coletiva, fazendo parte de uma configuração imagética que contribui como agente de significações, nos permite compreender como a criação e transformação do espaço físico relativo ao plano urbanístico de Goiânia, no contexto inicial, interferiu na memória dos habitantes pioneiros.

Perguntar como estas referências espaciais podem se tornar claras metodologicamente, no estudo em questão, automaticamente expõe as fontes de estudo. Remetendo inicialmente discussões de Foucault, Agamben (2009, p. 40) nomeia tais fontes como *dispositivo* e propõe como conceituação “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.”

Lynch (1999), ao lidar com a imagem do espaço, aponta possibilidades de leitura:

*Podemos procurar referências à imagem ambiental em muitos locais: na literatura antiga e moderna, em livros sobre viagens de exploração, em artigos de jornais ou em estudos psicológicos ou antropológicos. Tais referências são, de modo geral, dispersas, mas frequentes e reveladoras. Enquanto as procuramos, aprendemos algo acerca do modo como tais imagens são formadas, quais são algumas das suas características e de que forma parecem desempenhar um papel social, psicológico e estético, bem como um papel prático, em parte de nossas vidas. (Lynch, 1999: p. 137)*

Na abordagem relativa ao meio espacial, logo remete-se aos aspectos de representação visual como principal meio de veiculação e caracterização destas formas urbanas, e de fato são; fotografias nos fornecem “fragmentos de mundo” num dado momento, subsidiando a perspectiva de um determinado observador, pressupondo não só o que foi necessariamente capturado na imagem, mas aquilo que se ausenta. Segundo Panerai (2006), há um século o olhar que

nós apreendemos das cidades é moldado pela representação que delas são dadas pelo cinema e fotografia, associando as imagens aos percursos e ao tempo.

Nesta perspectiva, “a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido” (MAUAD, 1996, p. 79), a partir de unidades constituintes culturais, processada através do tempo tanto pelo significado organizado que ocupa no interior da própria imagem - representação final fruto de uma escolha num conjunto de escolhas possíveis - quanto pelo contexto no qual a mensagem é veiculada. Em suma, através de sua linguagem não-verbal percebida como fonte histórica, a fotografia não só marca uma materialidade passada mas também conforma uma visão de mundo, através de um símbolo eleito como imagem a ser perpetuada.

No cenário de estudo, inserido no contexto goianiense, este material advém em especial dos fotógrafos que, assim como diversos profissionais atraídos em busca de trabalho, se estabeleceram na cidade retratando principalmente a construção da nova capital e o surgimento da vida urbana no cerrado goiano (MONTEIRO, 2008).

Se historicamente a fotografia compõe uma textualidade de determinada época, para a compreensão de maneiras de ser e agir num contexto histórico é preciso interpolá-la a outros elementos textuais, verbais ou não (Mauad, 1996). Desta forma, além de um próprio *corpus* fotográfico, identifica-se a história oral dos pioneiros - documentada via depoimentos escritos - como componentes que, observados em conjunto, potencializam a apreensão e análise das imagens, seja através de percepções congruentes ou confrontantes.

Assim, estas perspectivas observadas conforme a ótica daqueles que permearam os espaços nos fornecem condições para o entendimento da influência do meio construído da cidade de Goiânia na construção de memória.

## MEMÓRIA ESPACIAL NA NOVA CAPITAL GOIANA

Se é perceptível uma dicotomia clara entre Goiânia e Vila Boa, através dos discursos potencializados principalmente a partir do momento que a transferência do centro do poder passa a se concretizar de modo efetivo, por outro lado é possível observar também relações dialéticas inseridas no próprio contexto da nova capital. Sob o discurso mudancista, Goiânia se implanta como símbolo de ruptura, de um novo tempo para o estado, sendo a materialização de uma racionalidade amparada pelo planejamento técnico-científico, ou seja, a própria materialização da modernidade; sob outro panorama, sua condição de cidade em plena construção - um grande canteiro de obras - traz consigo aspectos de carência (desde infraestrutura até opções culturais).

Nestes discursos não absolutos sobre a nova capital, sem a pretensão de eleger qual melhor exprime o contexto de gênese da cidade, é importante pontuá-los pois os mesmos são identificáveis na forma de leitura feitas pelos moradores pioneiros, sob os espectros do imaginário, seus valores culturais, etc; além disso, mais especificamente observando através do foco do presente trabalho, essas visões também se apresentam no espaço físico, ou melhor, na percepção e na imagem do lugar.

A área escolhida para a implantação da nova capital, próxima ao pequeno núcleo urbano de Campinas, por si só já influenciava na percepção, através do seu espaço natural. A amplidão típica do planalto, com poucos acidentes naturais, interferia na forma que os habitantes apreendiam a cidade: para aqueles que eram naturais de Vila Boa, por exemplo, o contraste se definia justamente pela ausência de barreiras topográficas limítrofes; de maneira geral, contudo, independente da origem daqueles que tinham contato com Goiânia (visto a diversidade dos habitantes pioneiros, provenientes de vários locais do estado, de outras regiões do país e inclusive do exterior), este aspecto plano contribuía principalmente para apreensão mais clara e completa do novo núcleo, reforçado ainda tanto pelo seu traçado - que valorizava grandes perspectivas pelas largas vias retilíneas, dispostas numa malha radiocêntrica que convergia para a Praça Cívica, ao qual era estrategicamente locada numa cota topograficamente mais alta - quanto pelo gabarito baixo das primeiras edificações.

Se, por um lado, esta grande amplitude visual permitia a nítida percepção da malha urbana, por outro as identificáveis partes da cidade demonstravam o quão rarefeita era a densidade e ocupação do plano no momento inicial, conforme a figura 2 nos aponta.

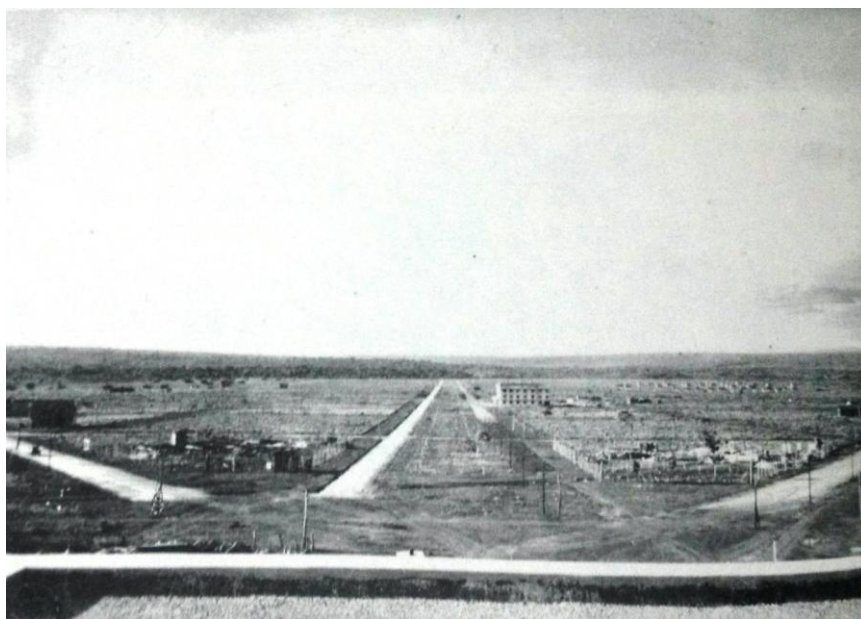


Figura 2 - Goiânia: Vista do Alto do Palácio, c. 1935. Eduardo Bilemjian. Goiânia – GO. Fonte: Acervo MIS|GO.

*Começada num vasto planalto, que parecia não ter fim, a 700 metros sobre o nível do mar, a nova metrópole parecia, então, mais um acampamento de colonos. (...) Já com os prédios das principais repartições públicas em construção, o local causava a sensação de uma cidade vazia. Os horizontes ao redor eram claros e bonitos, de tons às vezes avermelhados nas tardes de muito frio. (...) A perfeita simetria de suas avenidas e ruas, que tinham como ponto de dispersão a Praça Cívica, ajudava a conferir ao ambiente certa monotonia. (Sabino Júnior apud Teles, 2012: p. 192-195)*

*Lembro-me do começo das obras. Máquinas, levantando poeira vermelha, abriam ruas nas planícies desertas, obedecendo o traçado topográfico da nova cidade (...) Na vastidão das campinas, um prédio aqui, outro acolá. (...) Num dos quartos da frente, do pavimento superior, com bonita vista para a grande planície, já começando a pintar aqui e acolá improvisados barracõesinhos (Britto apud Teles, 2012: p. 43)*

No espaço em construção, a presença dos elementos espaciais estranhos à realidade do estado invocava (e corroborava) a perspectiva de avanço, reforçada à medida que a nova capital se consolidava cada vez mais. O arquiteto-historiador Gustavo Coelho (apud OLIVEIRA, 1999), na visão historiográfica, aponta que estas características condizentes ao discurso mudancista se confirmavam para os moradores desde a escala urbana - a partir de seus elementos monumentais - quanto na escala da edificação (novos modos de organizar internamente os ambientes, casas com afastamentos frontais e laterais, dentre outros); nota-se que a principal referência comparativa, nesta visão progressista, em geral é a antiga capital.

*A Nova Cidade de Pedro Ludovico seria feita obedecendo a um plano muito estranho engredado e desenhado por homens de grande saber e competência. Seu autor era um dos urbanistas mais famosos do Brasil inteiro, recém chegado da Europa, o famanaz Atílio Corrêa Lima. Na verdade, o plano era um trem besta: uma teia de aranha. (Élis apud Goiânia, 1985: p. 49)*

Grande parte das fotografias da cidade que atuam como forma de representação deste contexto - tendo o poder público como principal agente motivador - documentam o crescimento da nova capital, especialmente dentro da área de implantação do plano urbanístico. Como aspectos mais característicos das fotografias que evidenciavam o espaço físico, percebem-se as vistas urbanas gerais, a partir de pontos mais altos - inclusive tomadas aéreas - aumentando a capacidade de apreensão da escala urbana; pontos de observação que tomavam como partido as visadas das amplas avenidas, reforçando a linearidade, justaposição e coesão formal; além dos edifícios em si, expondo as construções em perspectiva na condição de corpo definido no espaço (ROBISON; HERSHMAN apud LIMA; CARVALHO, 2008), visibilizando os padrões edílicos adotados na nova cidade.





Figura 3 - Avenida Goiás, c. 1945, Sílvio Berto. Goiânia – GO. Fonte: Acervo MIS|GO.



Figura 4 - Casas na rua 19, década de 1940. Antônio Pereira da Silva. Goiânia – GO. Fonte: Acervo MIS|GO.

Em contrapartida ao espaço planejado, o relacionamento dos habitantes na apropriação urbana era repleto de referências à informalidade. Andiara Bastos Lousa e Francisco Ludovico de Almeida, em seus depoimentos (GOIÂNIA apud OLIVEIRA, 1999), compartilhavam a percepção da cidade através de uma malha alternativa - a malha dos trieiros. Assim, as poucas casas se interligavam a partir dos caminhos criados nos lotes vagos e, ao qualquer sinal de construção num destes lotes, outro automaticamente surgia.



Figura 5 - Goiânia, 1936. Malha planejada x malha informal. Fonte: GODINHO, 2013.

Era possível verificar ainda, opostos aos prédios públicos em *art déco* ou às residências de melhor padrão próximas à Rua 20, diversas habitações improvisadas principalmente na região do Córrego Botafogo.

A área concentrava grande número de operários, que vinham de outras regiões à cidade para atuar nas construções e por lá se estabeleciam. Desta forma, ao contrário dos espaços planejados pelo urbanista, estes moradores inicialmente se estabeleciam em locais sem a distinção clara e formalizada das vias, lotes e demais elementos de ordenação urbana. As fotografias que captavam esta face da cidade, exemplificada pelas figuras 10 e 11, retratavam edificações de baixo padrão que contrapunham dimensões reduzidas e numerosas famílias.



Figura 6 - Casas dos operários às margens do Córrego Botafogo, 1934. Fonte: GODINHO, 2013.

Dialogando com isto, identifica-se a ótica da Goiânia arcaica, escassa de estrutura. Em formação, a “caracterização da cidade em seus primeiros anos mostra-a muito mais próxima do sertão que da metrópole” (OLIVEIRA, 1999, p. 59). Nesta percepção, o urbano mesclava-se com o rural a partir das edificações e construções esparsas e infraestrutura urbana precária, gradativamente implantada.

*Quando cheguei a Goiânia, tive uma grande decepção. Pensei ao chegar lá já encontraria várias ruas formadas e só encontrei um trecho de rua, a rua 20, naquele trecho perto da Catedral, onde existiam 10*



*casas, que o Dr. Pedro mandara construir (...) A gente sentia como se estivesse morando numa grande fazenda (...) (Montero apud Teles, 2012: p. 184)*

*O carro já tinha passado por Goiânia, estava em Campinas, quando perguntei ao motorista:*

*- Falta muito pra chegar a Goiânia?*

*- Já passamos, estamos em Campinas.*

*"Puxa - disse comigo mesmo - onde é que vim parar! Então é isso que é Goiânia (algumas ruas, alguns palácios, e o resto...um deserto)?" (Figueiredo apud Teles, 2012: p. 202)*

As mudanças eram acompanhadas de perto pelos moradores: cada casa que começava a ser construída vinha carregada de especulações sobre quem seria a família que habitaria aquele espaço; ou, ainda, cada obra urbana era presenciada por um grande número de curiosos, quase numa espécie de festividade.

*(...) a Avenida Araguaia, sem que o notássemos, foi mudando de aspecto: novas residências iam se erguendo, amortecendo-lhe o isolamento. A chegada do asfalto foi uma festa! De manhãzinha, a turma, diligente, comandando máquinas pesadas e barulhentas, ia derramando, no dorso da avenida então preparada, o líquido quente e negro próprio para a pavimentação. (Almeida apud Teles, 2012: p. 167)*

*As noites de breu estavam com os dias contados. No feriado de 15 de Novembro, Proclamação da República, a transmissão de energia elétrica estava pronta para ser ligada nas ruas centrais, nos prédios públicos e algumas casas das ruas 24, 20, 19, avenidas Tocantins e Araguaia e algumas outras. (...) Apesar da eletricidade não chegar a todos, a população de maneira geral esperou o sol dar lugar à noite para assistir a inauguração (Godinho, 2013: p. 229)*

Ainda que o atendimento fosse de modo parcial e com constantes interrupções, estes tipos de instalações reverberavam no cotidiano dos pioneiros - e na forma que estes se relacionavam com o espaço. As casas de melhores padrões construtivos, por exemplo, possuíam sanitários internos com bacias e chuveiros, modificando o hábito de residentes provenientes de regiões sem acesso a tais condições sanitárias. A iluminação pública, por outro lado, era uma espécie de vetor social: Godinho (2013) ilustra que uma edificação de grande porte, abrigo de uma loja entre as ruas 3, 8 e Avenida Goiás, era um dos pontos mais iluminados da cidade pela presença de um gerador particular de energia; assim, sendo um dos únicos lugares de Goiânia com luz após 22 horas, era o ponto de encontro dos notívagos.

Constantemente em modificação, logo este espaço em afirmação da nova capital era carregado de olhares contrastantes.

*Conheci Goiânia em 1940, quando vim a passeio e senti o impacto de um grande contraste: o marasmo em que viviam as cidades do interior e o violento progresso daquela que estava nascendo, com muito arrojo e confiança. Goiânia, aos seis anos de idade, simplesmente brotava dos lotes vagos e ruas bem delineadas. (...) Em 1946, voltei e a cidade se expandira mais e se tornava cada vez mais bonita, encantando os visitantes (...) (Mendonça apud Goiânia, 1985: p. 173)*

*Quem morava na capital não tinha a exata noção de como a cidade crescia, por mais que visse as casas e o comércio brotarem do chão. Mas quem passasse algum tempo longe percebia mais claramente. Depois de morarem mais de um ano em Goiânia e passarem três fora, o casal Públio de Souza e Armênia voltaram. (...) Não havia mais tanto lugar vago na campina. As lojas comerciais, antes com apenas uma portinha, cresceram e ganharam mais um andar. (...) No descampado caminho de terra para Campinas, surgiram casas. (...) (Godinho, 2013: p. 368)*

Nas fotografias, estes aspectos de carência também caminhavam lado a lado com os retratos da modernidade em consolidação, materializando esta visão plural dos pioneiros. Representados principalmente pelo cenário cotidiano das construções, comum ao espaço em gênese, observa-se o as roçagens no cerrado, os primeiros prédios no meio do descampado e os serviços de urbanização por fazer. As imagens antagônicas mais claras, contudo, são aquelas que interpolam as edificações consideradas modernas aos métodos construtivos não tão avançados, como evidente na figura 8.



Figura 7 - Vista aérea - Praça Cívica, 6/1937. Antônio Pereira da Silva. Goiânia – GO. Fonte: Acervo MIS|GO.



Figura 2 - Carro de boi, Praça Cívica, 1936. Alois Feichtenberger. Goiânia – GO. Fonte: Acervo MIS|GO.

Sendo uma cidade em desenvolvimento, Goiânia e seus moradores possuíam uma relação estreita com o núcleo estabelecido mais próximo, Campinas. Esta segunda, que até a década de 1940 possuía maior população se comparada à nova capital, fornecia importante apoio logístico. Além disso, na condição de um grande canteiro de obras, Goiânia era pra trabalhar e, em contrapartida, Campinas era pra se divertir (GODINHO, 2013); “Campininha” abrigava as principais fontes de lazer da época, tais como cinemas, bares e os pontos de encontro da população. Nota-se, contudo, que naturalmente com a consolidação e crescimento de Goiânia, este eixo de lazer se deslocou para a nova cidade.

Para ilustrar, relacionando o lazer - e os hábitos dos moradores - ao espaço físico, percebe-se a prática do *footing*. De origem francesa, chamada aqui no Brasil popularmente de vai-e-vem, a atividade urbana consistia basicamente em passeios pela cidade, onde não se caminhava para chegar a algum lugar, mas sim por pura diversão; esta prática era desenvolvida em certas partes das cidades (como nos boulevares parisienses, no seu contexto de origem) que despertavam interesse em contemplação e apreciação estética e, sendo ponto de encontro dos moradores, se tornavam principalmente espaços de interação social.

Em Goiânia, é interessante notar que Atílio citara a prática em seu Plano Diretor, vislumbrando a Avenida Goiás como local do *footing* para a elite. Não obstante, inicialmente Campinas era mais atraente para os habitantes da região, na Praça Joaquim Lúcio.

*(...) chegando a Goiânia e não tínhamos ainda uma vida social. Toda a nossa vida social era feita do Bairro de Campinas onde a maior parte da população vivia. Lá fazíamos o footing, frequentávamos festas e cinema. (Álvares apud Goiânia, 1985: p. 29)*

*No início aqui em Goiânia havia pouca diversão, poucos lugares pras pessoas passarem o tempo. Aqui só se falava em trabalho (...) Toda noite havia quem quisesse se distrair ou passear, havia o footing em Campinas, moças e rapazes passeando na rua. (Silveira apud Goiânia, 1985: p. 110)*

Segundo Oliveira (1999), o *footing* transparece valiosas das mudanças culturais na nova capital pois, como sua prática variava no espaço de época em época, era perceptível a valorização e desvalorização de certas partes da cidade.

Nota-se que, mesmo com o Grande Hotel já sendo ponto de encontro da população na década de 1930, o *footing* em Goiânia só ganha força a partir da década de 1940. A partir de depoimentos dos pioneiros, Oliveira (1999) aponta que inicialmente o vai-e-vem era realizado entre o Cine Teatro Goiânia (recém-inaugurado) e a Avenida Anhanguera; depois, em meados da década, transferiu-se para a Avenida Goiás, entre o Grande Hotel e a Brasserie; posteriormente, com a urbanização da Praça Cívica e a implantação de fontes luminosas, o local passou a ser ponto de atração; e, por fim, na década de 1950, antes da prática cair em desuso, os principais vetores se localizavam na Rua 8, tais como bares, lanchonetes e cinema.

*(...) a vida noturna concentrada diante do Grande Hotel, lugar oficial do namoro, as moças sempre em grupo desfilando diante dos rapazes parados na calçada, admirando-as. Era o passeio noturno, a pé, o único divertimento, como em todas as cidades do interior do Brasil. O ponto certo para o passeio, uma espécie de coração oficial da cidade, vinha-se descolando de leste para oeste, seguindo o eixo da Avenida Anhanguera. Em 1945 o encontrei em frente ao Grande Hotel, onde estava localizada a Brasserie Bandeirante e, mais tarde, o Bar Marabá, dois pontos de encontro obrigatórios. Goiânia não teve, até agora, um escritor que lhe fixasse a vida dos primeiros tempos em romance ou memórias, mas bem merecia um estudo social sobre estas mudanças de lugar dos encontros da juventude - cada geração escolheu sua rua, seu bar, sua praça - a mudança do lugar do passeio sempre significou a mudança de costumes. (Turchi apud Goiânia, 1985: p. 180-181)*

Percebe-se ainda a importância que os edifícios, como marcos visuais, desempenhavam nas referências espaciais dos pioneiros, especialmente conforme a paisagem urbana de Goiânia se modificava a partir da construção de novos edifícios públicos e privados. Aliada aos aspectos urbanísticos, as referências arquitetônicas balizavam as orientações espaciais não só pelas funções que abrigavam, mas também por suas formas específicas ou visibilidade que detinham, de acordo com seus locais de estabelecimento.

Num ambiente em consolidação, as hierarquias visuais são constantemente alteradas; ainda sim, no lapso temporal referente à gênese da nova capital, consegue-se perceber uma série de elementos comuns, de maior repetição, tanto nos depoimentos como nas fotografias. Nas fotografias que documentavam especificamente as edificações, em geral nota-se a valorização do ponto de vista do observador - perspectiva à altura do pedestre, captando os aspectos tridimensionais e variando na sua contextualização com o espaço urbano, demonstrando-o ou não.

Dentre estes marcos, enumera-se a Praça Cívica com sua concentração de edifícios públicos (Palácio das Esmeraldas, Secretaria Geral, Delegacia Fiscal etc.), as sedes temporárias da prefeitura, fórum e correios - todos na Avenida Araguaia - o Grande Hotel, o Colégio Liceu, a Escola Técnica, o Cine Teatro Goiânia, o Mercado Municipal, as casas na região da Rua 20, a antiga Rádio Clube, o Colégio Ateneu Dom Bosco, o Automóvel Clube, o Monumento do Bandeirante, entre outros.

As fotografias que retratavam especificamente estas edificações evidenciavam o quão recorrente eram as imagens destes marcos em acervos fotográficos, congruente às referências físicas presentes na história oral. Especificamente falando dos aspectos visuais, diversas fotografias descolavam as edificações do plano urbano - ainda que estas também fossem fortemente apreensíveis pela sua posição no espaço - dando-lhe enfoque e presumindo suas posições hierarquizadas perante às demais construções, tanto por suas proporções (verticais ou horizontais) quanto por suas formas características.



Figura 9 - Grande Hotel, década de 1940. Alois Feichtenberger . Goiânia – GO. Fonte: Acervo MIS|GO.



Figura 3 - Cine Teatro Goiânia, década de 1940. Autor desconhecido. Goiânia – GO. Fonte: Acervo MIS|GO.

No que tange estas formas, observa-se ainda a forte imagem consequente da adoção dos estilos arquitetônicos específicos como elemento referencial para a população local, especialmente o *art déco* dos edifícios públicos, tanto como objeto de contemplação quanto fonte de inspiração para detalhes construtivos em outras construções privadas, mesmo as modestas (ARRAIS, 2012).

*Depois da primeira noite acordou disposta a conhecer as redondezas. Como todo mundo fazia, foi primeiro à Praça Cívica, onde viu as construções inacabadas do palácio, Secretaria Geral, algumas casinhas em construção na Avenida Tocantins e, três quarteirões abaixo, na Avenida Goiás, o Grande Hotel. Dali foi à Avenida Araguaia visitar as residências que haviam lá. Voltando, passou pelas dez casas em construção na Rua 19, financiadas pela Lar Nacional, e outras dez na Rua 20. (Godinho, 2013: p. 215-216)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da diversidade de experiências e vivências culturais dos observadores e agentes do espaço, grande parte destes elementos visuais da capital goiana é compartilhada e se organiza de modo a integrar a imagem mental da cidade para seus moradores, presentes nos aspectos de rememoração.

Desta forma, ainda que interagindo com âmbitos subjetivos, oriundas das seleções pessoais na apreensão do ambiente, a leitura do espaço em formação apresenta uma série de elementos congruentes que impactam numa expressiva parcela da memória coletiva, a partir de seu quadro físico, conforme apresentados num panorama geral.

Permeada pelos vários discursos e visões sobre a cidade, a leitura das partes e seus símbolos reconhecíveis se traduzem nas fontes e tornam possível extrair a compreensão dual que os pioneiros detinham no cenário de gênese da nova capital; a partir de características e percepções que transitavam entre o moderno e provinciano, verifica-se a paisagem urbana de Goiânia como suporte espacial de um ambiente dinâmico, num processo de constante mutação física e cultural, potencializando assim a apreensão dicotômica inserida no recorte temporal.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Editora da Unachapécó, 2009.
- ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ARRAIS, Cristiano Alencar. "Identidades modernas do plano urbano de Goiânia". Boletim Goiano de Geografia. Goiânia: vol. 32, nº 2, 2012, 177-192.
- CHAUL, Nars N. Fayad. A construção de Goiânia e a transferência da capital. Goiânia: CEGRAF, UFG, 1988.
- CHOAY, Françoise. O Urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CORDEIRO, Narcisa; Queiroz, Normalice. Goiânia: embasamentos do plano original. Goiânia: Edição do autor, 1990.
- CORDEIRO, Narcisa. Goiânia: evoluções do plano urbanístico. Goiânia: Edição do autor, 1989.
- GODINHO, Iúri Rincon. A construção: cimento, ciúme e caos nos primeiros anos de Goiânia. Goiânia: Contato Comunicação, 2013.
- GOIÂNIA. Prefeitura Municipal. Assessoria Especial de Cultura. Memória Cultural: ensaios da história de um povo. Goiânia: 1985.

- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editoria Vértice, 1990.
- HALL, Peter. Ciudades Del mañana: historia Del urbanismo em El siglo XX. Barcelona: Ediciones Del Serbal, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MANSO, Celina. Goiânia: uma concepção urbana moderna e contemporânea - um certo olhar. Goiânia: Edição do autor, 2001.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e História Interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, p. 73-98, 1996.
- MONTEIRO, Charles (Org.). Fotografia, história e Cultura Visual: Pesquisas Recentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- MONTEIRO, Rosana Horio. "A fotografia em Goiânia nas primeiras décadas do século XX". Revista UFG. Goiânia: ano X, nº 5, 2008, 88-107
- MUSEU da Imagem E Som De Goiás. Acervo fotográfico. Goiânia: 2015
- OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. Imagens e mudança cultural em Goiânia. Goiânia: Dissertação - Programa de Pós-graduação do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 1999.
- PANERAI, Philippe. Análise urbana. Brasília: Editoria Universidade de Brasília, 2006.
- RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes. Goiânia: Editora da UCG, 2004.
- SANDES. Noé Freire (Org.). Memória e Região. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Universidade Federal de Goiás, 2002.
- ROCHA, Hélio. Goiânia 75. Goiânia: Editora da UCG, 2009.
- TELES, José Mendonça. Memórias goianienses. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012.
- TREVISAN, Ricardo. Cidades Novas. Brasília: Tese - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2009.